

Rupturas que religam: entre o desencanto e o reencantamento

*Lutz Roberto Alves**

RESUMO

Este ensaio faz uma leitura de duas obras da literatura brasileira, *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Tratadas como linguagem do imaginário brasileiro, a análise e a interpretação dos textos revelam seu papel de contraponto na obra de construção da modernização brasileira. Publicadas nos anos 1950, suas tramas e enredos questionam o modelo de desenvolvimento. Por vias de suas personagens, notadamente as mulheres, afirma-se o sentido perene da arte na sociedade e modos originais de interpretar a realidade do País.

Palavras-chave: Rupturas – Desencanto – Reencanto.

Ruptures that reconnect, between disenchantment and re-enchantment

ABSTRACT

This essay makes a reading of two works from the Brazilian literature, *Morte e vida severina*, by João Cabral de Melo Neto, and *Grande sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa. Treated as a language of the Brazilian imaginary, an analysis and interpretation of those texts reveal their counterpoint role in the Brazilian construction of modernization. Published in the 1950s, their plots question

* Professor e pesquisador da Universidade Metodista de São Paulo e da USP. Linha de estudos: cultura e comunicação. Ex-secretário de Educação e Cultura de S. Bernardo do Campo e Mauá. Assessor voluntário de movimentos sociais. Autor de obras sobre cultura, educação, comunicação e relações de trabalho.

the model of development. Through their characters, especially the female ones, the perennial sense of art in society and the original ways of interpreting the country's reality are stated.

Keywords: Ruptures – Disenchantment – Re-enchantment.

Rupturas que reatan, entre el desencanto y el reencanto

RESUMEN

Este trabajo hace una lectura de dos obras de la literatura brasileña, *Vida e morte severina*, de João Cabral de Melo Neto, y *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Tratados como lenguaje de la imaginación brasileña, el análisis y la interpretación de los textos ponen de manifiesto su papel como contrapunto en la construcción de la modernización brasileña. Publicados en los años 1950, sus urdiduras y enredos ponen en cuestión el modelo de desarrollo. Desde sus personajes, especialmente las mujeres, la literatura muestra el eterno sentido del arte en la sociedad y las originales formas de interpretar la realidad del país.

Palabras clave: Rupturas – Desencanto – Reencanto.

Os sociólogos nos ensinaram a explicar e esclarecer o mundo, realizar leituras que não tivessem de dar conta da demonstração casual dos fenômenos e menos da sua revelação, afeitas a outros saberes. No entanto, suas sondagens explicadoras do real muitas vezes os levaram ao encontro das linguagens estéticas que não se ofereceram a explicações antes do renhido intercâmbio entre o investigador e seus complexos sentidos, seus mistérios prenes de significação. Pouco antes de morrer, nosso mestre Ianni (2004) proferiu uma aula magna em que localizou o campo dos encontros de narrativas contemporâneas como privilegiado para dizer do *estado* e do *movimento* de nossa ação na contemporaneidade. Quase ao final de sua elocução, tem-se:

Em suas distintas linguagens, compreendendo metáforas e alegorias, conceitos e categorias, essas narrativas (da ciência, da filosofia e da arte) contribuem para o desenvolvimento e a recriação das múltiplas gradações e possibilidades de esclarecimento. Tomadas em conjunto, no curso dos tempos modernos, contribuem decisivamente para o “desencantamento do mundo” e simultâneo “reencantamento do mundo”, em busca de utopias ou de alguma alegria.

Ciência, filosofia e arte se encontram como narrativas. Dado que as narrativas políticas e econômicas especulam com a vida, principalmente dos pobres e da ampla gama de discriminados, novas narrativas combinadas devem interferir no cenário humano para desconstruir processos de consciência e, portanto, revelar o desencantamento. Mas não só. Do interior do desencanto surgem buscas e desejos de felicidade, de superação. Trata-se, pois, de um processo educativo-cultural, que se revela nas camadas dos códigos desses saberes que, no entanto, exigem boas leituras de suas linguagens. Cabe, então, fazer a ponte com o estudioso da linguagem, das gramáticas da criação na modernidade, Steiner (2003):

[...] no vendaval e na turbulência das transformações que estão ocorrendo, para evitar a “morte do homem” (pensada por Nietzsche e Foucault) cabe, mais que nunca, trabalhar o que se cria e o que se reproduz, o que se inventa e o que se enrijece no seu centro nervoso, que é a linguagem.

Decorre, pois, que o encontro com as narrativas do desencanto e do encanto exige tomadas de decisão a favor do ato interpretativo, sempre uma aventura. Se os saberes portam suas armas de desvendamento do mundo e, com elas, o explicam, revelam e demonstram, quem faz a crítica da cultura deve embrenhar-se no universo desse centro nervoso, a linguagem, buscando interpretar, visto que nesse ato a pessoa que interpreta ajuda a compor o círculo do conhecimento e sua circulação social. O velho ato dos que trabalham com a arte sempre foi arena de batalhas. Do reconhecimento do impossível ao perfeitamente realizável, os atos de interpretação acumulam contendores. Sontag

(2004) e Eco (1990) nos alertam para o ato de interpretação. No entanto, o entendimento dos discursos da arte, sempre tensamente trabalhados por consciências estruturantes de mensagens, associadas a segmentos da sociedade, porta a obrigação de posicionamento sobre os seus modos de realização linguística e consequente postura social, sob pena de não se apontarem novas rotas e novos meios para o cumprimento de necessidades e desejos humanos em sociedade. Aliás, o tempo decorrido entre os ensaios *contra* a interpretação e a obra relativamente recente de Sontag *Ante el dolor de los demás* (2003), faz ver sua crescente visão de mundo, visto que também ela realiza um ato interpretativo sobre o significado da fotografia e do vídeo na construção da nossa sensibilidade/insensibilidade diante da dor humana. Alertar sobre a interpretação não implica abster-se de fazê-la. De seu lado, a obra de Eco sugere que os *objetos dinâmicos* colocados diante do intérprete sejam trabalhados pela legitimidade comunitária, isto é, as leituras sucessivas do objeto do trabalho crítico transformam a relação intérprete/objeto em atos criativos de interlocução. Novos interpretantes – que são ideias, situações e conceitos esclarecedores de sentidos da interlocução – entram no cenário da análise e, assim, a interpretação não se dá unicamente por conta da estrutura ideológica de quem critica, mas também se realiza como um tecido social dentro da realidade construída e vivida pelas personagens e, a partir de suas referências, por pessoas e organizações da realidade social. Visto que as narrativas aqui mencionadas se organizam como tecidos de comunicação social, convém remar contra a corrente facilitadora da virtualidade contemporânea, contra a armação das globalidades. Estas, além de suas limitações políticas e seus pés-de-barro econômicos, tratam de comunicar o máximo para revelar o mínimo e tornar opacas amplas camadas de humanidade, migrantes, escravos e escravas, precários e precárias. Muniz Sodré apontou um caminho comunicacional para a mais justa inserção no tempo contemporâneo:

[...] trata-se de se pôr cientificamente na contramão do movimento expansivo de redução da experiência vital pelo crescimento exponencial da armação tecnológica do

mundo, coonestado pelo comercialismo indiferente das organizações midiáticas. Isto implica inscrever no pensamento comunicacional o horizonte de revitalização da experiência democrática a partir do "comum", isto é, da capacidade de articulação ético-política das organizações regionais e populares". (2002, p. 256-257).

A arte literária é uma das narrativas, uma das poéticas capazes de trabalhar na contramão.

Em sociedades colonizadas e autoritárias, como a brasileira, costuma-se não perceber como as obras de arte produzem rupturas de conhecimento e no conhecimento. Experiências barrocas e românticas demoraram muito a serem avaliadas e valorizadas. Mesmo Machado de Assis, Clarice Lispector e Lima Barreto são criadores cujas obras lentamente mostram seus tesouros. No entanto, quando os processos sociais, tecnológicos e econômicos se adensam e determinam novos rumos políticos, a arte comparece para revelar sua visão dos fenômenos da vida. O modernismo brasileiro (especialmente a partir de 1922) foi um momento de aceleração e ruptura¹. Depois dele, os movimentos pendulares entre arte e sociedade revelam novos temas, novos valores, novas disputas simbólicas para públicos crescentes. Por certo tudo dependeu da alfabetização dos milhões de brasileiros excluídos, das conquistas de espaço e visibilidade, da diminuição lenta do domínio das elites brancas e masculinas.

Neste texto trata-se de obras que realizam rupturas epistemológicas no interior da economia e da cultura do Brasil. Duplas rupturas, pois o fazem no universo macro da disputa de valores sociais e no seu interior, na dinâmica das personagens. Encontram-se e confrontam-se, pois, o sociológico, o econômico e o estético. O movimento dialético que se dá entre as culturas da sociedade e do texto é responsável por garantir espaços e sentidos novos

¹ SALOMON-GODEAU, Abigail. *Le Féminisme, l'Histoire de l'Art et l'Épistémologie. Ruptures*. Paris: Louvre, École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 2002. Nesse texto a autora busca demonstrar essa dialética no seio do modernismo europeu, que influencia o brasileiro. À página 288 temos: "Não há dúvida de que a aceleração das mudanças sociais, políticas, tecnológicas e econômicas da época moderna favorecem uma aceleração similar no domínio das artes".

na realidade contemporânea. De fato, trata-se de obras proféticas, tanto por consideração ao quadro político e mental do tempo em que surgiram quanto em razão da dinâmica cultural que se segue e constrói o presente. Ainda se tem muito a aprender com essa literatura (e suas várias conexões culturais) para acumular massa crítica em favor do país mais justo e equânime.

Trata-se de apresentar e explicar o poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*, e o romance-saga de outro João, o Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

Em meados dos anos 1950, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira lança ao País seu ambicioso Programa de Metas, no contexto do discurso sedutor segundo o qual o Brasil avançaria "cinquenta anos em cinco". De fato, o programa concentrado em transportes, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília teve preferências. Ao criar a "civilização do automóvel" e a nova capital, passa a amargar seguidos déficits orçamentários e compromissos políticos impagáveis. O que se segue é sabido. No entanto, foi um tempo de certa euforia e crescimento nominal do produto interno bruto, com custos caros de parte da população. No interior dessa euforia são lançadas as duas obras. Uma delas pergunta insistentemente se é justificável fazer pacto com o diabo e a outra poetiza a travessia do ser cuja vida não é mais que *severina*. As duas atravessam a euforia juscelinista e se localizam nas terras do sertão e nos bairros periféricos da urbanidade. De fato, poderiam localizar-se em Brasília, Porto Alegre ou Belém, no Jalapão, nas dunas do Norte ou nas águas do Pantanal. Aliás, eram desses lugares todos os homens, crianças e mulheres que se moviam em busca dos eldorado paulista e goiano, quer para refazer a vida nos templos do automóvel ou no avião brasileiro pronto a decolar para o futuro. Então, a localização das obras é o mundo, são os *brasis*, é o coração e a consciência do ser embalado pela dialética entre tradição e modernidade, entre exclusão total e inclusão incompleta.

Seria estranha a temática das duas obras? Por que são tão discrepantes os temas vividos na sociedade e narrados nos textos de Rosa e João Cabral? Ora, são mesmo discrepantes?

As questões propostas pela arte literária não obedecem à moda brasileira do desenvolvimentismo dos anos 1950, mas respondem a leituras sócio-históricas mais profundas. Juscelino e as elites de plantão modernizam embalados pelo futuro suposto. As obras de arte levantam as questões de sempre, incluído o passado mal trabalhado pela República. Nesse sentido, laboram paralelamente à inteligência brasileira que explicou nossas modernizações como fenômenos incompletos e dependentes. Vide Celso Furtado e Caio Prado Júnior. Dado que as modernizações se limitam a setores da sociedade e carregam para o futuro virtual somente parcelas da população, deixando as maiorias no saco sem fundo das exclusões, a arte, necessariamente comprometida com o humano, problematiza a modernização e, de fato, aponta questões que podem representar o futuro da sociedade a despeito de as imagens e cenários parecerem ser antigos.

Morte e vida severina desfia seus versos de sete sílabas no movimento do sertão para a cidade. Por ser um auto de Natal, a personagem protagonista vem de Nazaré da Mata, é filho de Maria (igual a tantas Marias dos finados Zacarias...), seu ofício de lavrador se realiza na terra “ossuda e magra” e a narrativa o apresenta como retirante, no rumo dos rios que jogam suas águas no mar. Por onde passa, o tema das narrativas é a morte, morte bem cedo, “de velhice antes dos trinta / de emboscada antes dos vinte / de fome um pouco por dia”. Quando não é a morte, é a *vida severina* que se apresenta. A travessia, porém, revela significativa questão de gênero: os homens são seres da lástima e da reclamação e as mulheres, seres do empreendimento e da sinalização do futuro. Dada a terra injustiçada em que vivem as personagens, o empreendimento é mínimo, muitas vezes ligado à própria morte, mas o ser feminino trabalha pelo anúncio de possibilidades. A rezadora profissional, presente em uma de tantas janelas, é um dos sinais da feminilidade que empreende na terra da morte. Interessante também é a sequência desse encontro. Severino lavrador depara com uma terra menos dura e seca e seu coração tem breve reencantamento: “Não tenho medo de terra / cavei pedra toda a vida), / e para quem lutou a braço / contra a piçarra da caatinga / será fácil amansar / esta aqui, tão feminina”. O

retirante chega a imaginar que poderia plantar sua semente naquela terra tão feminina. A força expressiva do texto conecta imediatamente a feminilidade da terra a uma força fundante, terra-mãe. O amansar de fato compõe o campo semântico do aninhar, do pertencer intimamente.

No entanto, também ali está a morte. Mais um homem na rede, despido, indo à cova como um grão que deve morrer abraçado à terra quente e acolhedora. Ao final deste movimento poético, nova imagem explícita do feminino: “Se abre o chão e te envolve, / como mulher com que se dorme”. Inegavelmente, a morte compõe o campo de sentidos do mundo masculino. Trata-se da morte visível, anunciada. Ora, na história do País e na história narrada, esse é não somente o mundo dos que se expõem e se confrontam mais, os homens, como é também o mundo dos que mandam. Mandam matar e morrem, como vemos no belo filme *Abril despedaçado*. A morte das mulheres é, como a vida, mais discreta, menos aparente. Mas na economia do *Morte e vida* essa discrição do viver e do morrer é ressemantizada e se faz valor conectivo do viver, do empreender, ainda que o cenário esteja prenhe de morte. Cabe lembrar que essas obras respiram o Brasil dos anos 1950 e, à luz da história de sempre, dão sinais à história do seu tempo.

Apressado, depois desses encontros, Severino desce para o Recife. Quem sabe a sinalização da terra menos bruta não irá solidificar-se no mundo urbano? No entanto, quando para para descansar, escuta o agouro fatídico dos coveiros, que depois de associar os enterros às classes sociais e bairros onde vivem os diferentes profissionais, futuros mortos, vaticinam que os retirantes vêm para morrer na cidade. Mais que isso, enquanto caminham, acompanham o próprio enterro. O desencanto do retirante chega ao limite. Às margens do rio ele busca saber se teria sucesso saltando para a morte. Mas seu interlocutor é “Seu” José, Mestre Carpina, a quem uma mulher anuncia a toda força, cortando a conversa sobre a morte: “Compadre José, compadre, / que na relva estais deitado: / conversais e não sabeis / que vosso filho é chegado? / Estais aí conversando / em vossa prosa entretida: / não sabeis que vosso filho / saltou para dentro da vida?” Nasceu a redenção, embora franzina, *severina*. O

movimento do texto denomina o nascituro na forma feminina. Não é um menino, é uma vida pequena e fraca. Na fraqueza, redentora dos riscos de afogar a vida empobrecida. Por isso, o carpinteiro José volta a dirigir-se ao retirante, que não se suicida e ali permanece, curioso, e diz:

é difícil defender. / só com palavras, a vida, / ainda mais quando ela é esta que vê. severina / mas se responder não pude / à pergunta que fazia. / ela, a vida, a respondeu / com sua presença viva. / E não há melhor resposta / que o espetáculo da vida: / vê-la desfiar seu fio, / que também se chama vida. / ver a fábrica que ela mesma, / teimosamente, se fabrica. / vê-la brotar como há pouco / em nova vida explodida / mesmo quando é assim pequena / a explosão, como a ocorrida / como a de há pouco, franzina / mesmo quando é a explosão / de uma vida severina.

Há, porém, falas de ruptura e elas vêm de duas mulheres, denominadas ciganas, mas de fato as magas do Oriente. Em meio às pobres dádivas que todos os vizinhos e circunstantes oferecem ao pequeno recém-nascido, o papel desafiador é retomado pelo feminino. Elas dizem conhecer o futuro do recém-nascido, que brincaria com os siris e se enlamearia todo o tempo. Mas não só. As magas o projetam operário de fábrica, que substituiria a lama do mangue pela graxa da linha de montagem. Nessa condição, a vida ali nascida deixaria o espaço de desova dos retirantes para morar nos bairros operários. Recriava-se, ali, o espectro do suposto novo País, ansioso pelos novos ares do capitalismo internacional.

A obra de João Cabral se aproxima do cordel pela feitura do tema e suas redondilhas francamente populares. Nessa aproximação, as vidas mais opacas, das mulheres, tornam-se mais altissonantes. A voz ganha corpo. A fraqueza é forte. Convém lembrar que somente uma releitura contemporânea pôde encontrar a mulher dos novos trabalhadores livres do fim do século XIX e do início do XX como a organizadora da vida, trabalhadora de vários turnos e responsável pela mínima e indispensável dignidade da existência familiar e grupal excluída. Essa leitura do campo das manifestações populares não se limita a dar a voz às mulheres (e menos a considerá-las *comadres tagarelas*, como

em certos estereótipos romantizados), mas a construí-las como anunciadoras do novo, bom ou mau, empreendedoras da vida quando esta está prestes a romper-se. A posição “mágica” no texto de *Morte e vida* ganha alto sentido sócio-histórico, pois o anúncio do novo operário do chão de fábrica é sincrônico ao Programa de Metas que acolhia, a mãos-cheias, o plantel industrial de base corporativa multinacional. As magas, então, não podem fazer a revolução (quem pode fazê-la?), mas pelo menos promovem a mudança do retirante em operário, daquele que talvez doravante tenha uma vida pouco mais longa, alguma comida e quem sabe outros direitos cívicos que a sua associatividade de trabalhador com carteira assinada venha a conquistar. A história operária do Brasil, de fato, tem muitas histórias a contar na sequência das magas do mangue do oriente brasileiro.

Grande sertão: veredas, uma das obras-primas do século XX. Nela, o cangaceiro aposentado, dono de algumas letras, busca resolver um drama pela linguagem, pela retórica discursiva: não foi pactário do diabo (ou foi, por que Deus somente escreve os grandes livros?) no cotidiano do sertão. Também não chegou à suposta prática homossexual, mas chegou perto. O grande amor secreto de sua vida era homem, Diadorim, guerreiro a cobrar vingança da morte do pai. Não, de fato tratava-se de mulher criada para a vocação da luta, cuja morte ao final (em luta contra o satânico Hermógenes) redime o mundo jagunço e o arreмата como hóstia que regenera a vida desencaminhada e abole os supostos pactos com o demo, o bicho ruim, aquele que ri, o outro, capiroto. Na morte da então batizada Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins terminam os tempos da maldade. A revelação do sexo ocorre somente nas últimas páginas da longa obra. A donzela guerreira é aquela que existe “para muito amar, sem gozo de amor” (ROSA, 1970, p. 458). O amor a serviço de uma causa tida como nobre (que substitui o gozo pelo sofrimento) faz lembrar as narrativas de sempre, mas sua extração medieval, cordelista, fica clara quando se sabe das muitas leituras e reproduções de leituras realizadas no mundo rural e das pequenas povoações do Nordeste brasileiro. Os *Doze pares de França* foram somente um exemplo. Narrativas de fidelida-

de e disputa de sangue compuseram tanto o imaginário quanto a organização social desse mundo. Na queima da donzela guerreira no altar das disputas de honra, o sertão diminui de tamanho e a civilidade cresce. Cresce?

A pergunta se justifica. Dado que na obra tudo é e não é, as formas da verdade são plenamente relativas, o amor e o ódio formam um par, o sertão é maior do que o que se chama sertão e, talvez, de fato seja o mundo; nesse universo se retomam as antigas sagas mediadas pelo Euclides da Cunha de *Os sertões*. O ser forte do realismo positivista euclidiano não tem dois sexos, pois é uma unidade de bravura e determinação. Mas há nítida preferência descritiva pela figura mental e tradicional do homem, do sertanejo, do que faz a luta visível das guerras. A mulher ainda não nascera culturalmente, exceto como doadora quase invisível de homens para a luta desigual. Ou alguém que vive de fritar bolinhos, portanto um ser gorduroso em *O cortiço*. A modernidade de algumas partes do Brasil lentamente a revelam, entendida como ser construtor de linguagem e explicador do mundo.

Chegados ao tempo da segunda revolução industrial do Brasil, anos 1950, encontramos-nos com o mundo das *Veredas*. Trata-se de um mundo cristão, de fato um mundo evangélico ao modo de nossas etnias formadoras. Ali, amor e luta se emprenham na construção da vida. Imagens e personagens de cegos, deserdados, coxos, lazarentos, prostitutas e ricos homens e suas (ainda) escondidas mulheres povoam e significam um universo que não se fecha num tempo único ou em geografia única. Também parte dessa gente vem de Nazaré e Belém, ou por elas passa. Todos vivem a expectativa dos milagres, que não se realiza nas grandes e distantes coisas, mas na pequenez das novidades. Por exemplo, uma retomada do poema *Morte e vida severina*, pois na narrativa de Rosa o nascimento de uma criança equivale ao recomeço do mundo. Nesse universo de sentidos, a mulher também é a terra, a portadora de sinais vitais à continuidade da existência. Do seu escondimento surge um universo de linguagem, o protagonismo revelador da força do gênero. Perfaz também a condição sociológica do ser civilizador, que nutre e educa os filhos de senhores das terras, chamados de padrinhos, e o fazem no

silêncio de toda a vida. Sem elas, no entanto, não há vida. O mundo feminino dessas obras continua a conectar-se aos expoentes literários do século, como na obra de Graciliano Ramos. De fato, o problema é que o País muda lentamente no avanço das relações sociais, embora tenha certa agilidade nas trocas econômicas. Às vezes muda para trás. Depois da euforia modernista, Graciliano volta a mostrar que, sob a ótica dos direitos cívicos de gênero, origem, etnia, nada tinha realmente mudado.

Dado que no *Grande sertão: veredas*, o que parece necessariamente não é, a saga do sertão, que é a história de um mundo das relações sociais dos *brasis*, indaga do Brasil moderno sobre as suas mudanças e mostra que não se deve esperar que a autoridade, o poder central, construa nova civilidade. Quem a faz é a luta. A luta mostrada em Euclides, chamada de “fanatismo religioso” e afogada em sangue pelos canhões ingleses. Mas também a luta mais silenciosa da gente que não só responde pela dureza da vida no eito, mas deve perguntar pelo que efetivamente é moderno. Com quem são feitos os pactos de desenvolvimento? A favor de quem? Em que momento o poder considera essas mulheres silenciosas que garantem a vida no fio de vida organizada nos lugares da pobreza? Por que é tão lenta a disseminação da cultura e da educação, valores de fato civilizatórios e capazes de iluminar a violência e diminuir sua força? Evidentemente a República brasileira de pés de barro jamais quis entender o mundo dos pobres. Mas a obra publicada em tempo de modernidade econômica alerta: “De homem (acrescente-se de pessoa) que não possui poder nenhum, dinheiro nenhum, o senhor tenha todo medo!” (ROSA, 1970, p. 294).

À página 129, o texto mágico de Guimarães Rosa apresenta outro lance sociológico ao afirmar e perguntar: “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?” Ora, se o sertão é o mundo, não acaba, talvez desloque as situações humanas e recrie modos novos de encaminhamento dos fatos. “Este mundo é muito misturado” é o que se lê à página 169. Os jogos de poder e violência, tão conhecidos na história republicana, não foram piores ou melhores na cidade ou no sertão. Foram diferentes. O País, desigual e injusto, tem de prestar contas de suas políticas de

favore e clientela e de redimir-se sem mártires ou vítimas. Deus já estruturara os livros mestres e já andara com o povo por algumas léguas. Depois o deixara para que andasse sozinho e escrevinhasse as demais partes de sua história.

Não existe o diabo. Existe o humano, vivendo penosamente. Deus existe mesmo quando não há. Nessa mágica discursiva, que vai até "o rabo das palavras", a obra dos anos 1950 dá as mãos à outra, coirmã de tempo e significação. Em sua poética e narrativa, tanto perguntam quanto orientam a sociedade modernizante a redescobrir a riqueza humana, a força das culturas e a marca dos gêneros na constituição da civilização subtropical. Se ela, porém, dado seu viés de elite, não o fizer, continuará a amargar seu real atraso, ainda que jorre a luz neon, transbordem as tecnologias e se acumulem os capitais. A redenção se realiza no humano dignificado, no reencantamento da vida, também no sertão e no mangue.

Referências bibliográficas

- ECO, Umberto. *I limiti dell'interpretazione*. Milano: Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas, 1990.
- IANNI, Octavio. *Variações sobre arte e ciência*. 03.03.2004. Aula Magna. FFLCH da USP.
- MUNIZ SODRÉ. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NETO, João Cabral de Melo. Morte e vida severina. In: SARMENTO BARATA, Manoel (org.). *Canto Maior*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 7. ed. São Paulo: Livraria José Olympio, 1970.
- SALOMON-GODEAU, Abigail. Le féminisme, l'histoire de l'art et l'épistémologie. In: *Ruptures*. Paris: Louvre, École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 2002.
- SONTAG, Susan. *Contra la interpretación*. Buenos Aires: Alfaguara, 2004.
- STEINER, George. *Gramática da criação*. [S.l.: s.n.], 2003.